

O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES D. CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista—Por Castanheira de Pêra e Região

ANO IX	Redacção, Administração e Oficinas Castanheira de Pêra—Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pêra, Lda Chefe da Redacção: António Maria Saraiva	N.º 284/85
-----------	---	---	--	---------------

Quatro de Julho



É hoje feriado no concelho e se tal data foi escolhida para este efeito, é porque não há nenhuma outra que para Castanheira de Pêra possa ter maior valor.

Na verdade o 4 de Julho lembra que faz hoje 31 anos que ficou instituído o concelho de Castanheira de Pêra.

Antes, eramos uma simples freguesia de Pedrógão Grande. O desenvolvimento industrial desta região privilegiada impunha a sua autonomia administrativa e assim foi que o compreenderam os seus Filhos que por tal se bateram e souberam levar a cabo o seu empreendimento.

Castanheira de Pêra, como então, precisa da união de todos os seus filhos dilectos para que possa continuar a progredir e impor-se como uma vila moderna.

Falta-lhe muito ainda para ter aquilo que se pode tornar indispensável, mas se mais não tem, em parte, é porque mais não tem pedido.

O concelho de Castanheira de Pêra contribui para os cofres do Estado com avultado rendimento e, por isso, é credor da correspondente compensação em melhoramentos que lhe são bem necessários.

O que presentemente se nos afigura de maior necessidade, é a instalação dos serviços dos CTT em edifício próprio e bem localizado.

Oxalá que a boa vontade de todos possa conseguir com brevidade, não somente este melhoramento, mas ainda outros de capital importância para o concelho, e, nós, sempre fiéis defensores dos interesses desta região, muito prazer teríamos se, no próximo 4 de Julho, pudessemos já considerar estas necessidades satisfeitas e fazer referências a outras. Oxalá.

MICTÓRIOS

É uma velha necessidade cá da terra que, estamos em acreditar, não está já satisfeita, não propriamente por falta de verba para isso, mas simplesmente por um leve descuido.

Se é necessidade e se tal se se impõe, agora que vamos ter água, porque se não trata convenientemente de resolver este problema, instalando em local apropriado um mictório simples e útil? Com meia dúzia de tejos e outros tantos azulejos e pouco mais, estava a obra feita. Haja quem desenhe e mande executar.

Fonte da Retorta

Houve uma Junta de Freguesia que a mandou arranjar mas depois dela nunca mais ninguém a tratou convenientemente. Sendo um local apazível, seria bom que alguém se interessasse por ela e tornasse utilizável e vitável, quanto mais não fôsse como medida de higiene e decôro.

Venda de peixe

A' semelhança do que existe para a venda da carne, não poderia a Câmara instalar um posto de venda de peixe ao público, cobrando determinada taxa por isso e evitando assim que o peixe seja vendido em plena praça, sem vantagem para ninguém? O posto de venda de peixe poderia ser utilizado por todos os vendedores de peixe e como há peixe quasi diariamente, mais se justifica tal medida no interesse de todos.

Fontes do Concelho

Estamos informados que a Câmara está na disposição de dotar todos os lugares do concelho com água potável e nesse sentido tem trabalhado. Precisa sim que os próprios habitantes dos lugares interessados colaborem também e procurem concorrer para tal fim.

Ser jornalista!...

por R. LARANJEIRA

«Democracia do Sul», transcrevendo do Jornal de Montijo «Gazeta do Sul», o artigo sob o título que este apresenta, valorizou o pela larga expansão, a categoria do prestigiado porta voz da sempre encarnadora e grande pela sua história—É ora:

Sem assinatura é da autoria de quem o dirige, que abordou ingrato assunto sempre discutível dentro do campo doutrinário.

Quem desde 1904 trabalha como obreiro do pensamento nos jornais e revistas de todas as categorias, neste Continente, Lourenço Marques, no Brazil, onde existe de tudo, de tudo...

Conhecendo os homens e a vida, apreciou a narrativa sobre ser jornalista.

Entre os muitos que se intitulam, se inculcam e os profissionais de direito, de facto, que distância no «ser ou não ser», pela competência que os valoriza pelos seus complexos conhecimentos, especiais qualidades que a elevada missão impõe.

A Imprensa colosso em Portugal ocupa um lugar excepcional na actividade do pensamento, difere da que conhecemos no estrangeiro que, tecnicamente, organizada, servindo suas grandes nacionalidades, o seu público sabe que ela está reconhecida um poder entre os do Estado.

Em todas as manifestações da actividade nacional somos únicos, por isso, afirmamos ao ilustre articulista de «Gazeta do Sul», não conhecer profissionais na valiosa acepção do termo ao serviço da moderna imprensa; são raríssimos os que vivem exclusivamente do jornalismo.

Existe, sim, elevado número dentro das actuais empresas, burocratas ás dúzias, professores, funcionários de Bancos, nas diversas companhias que á noite vão preencher colunas de prosa dentro do convencionalismo.

A sua acção nesses jornais marca ao dia primeiro do mês no «guichet» da Administração do jornal em que servem.

São anónimos, não dispõem de individualidade prestigiada a comparar com os que indicam neste artigo, que foram gigantes, devotados apóstolos nesses tempos da abnegação, do sacrifício, em nome do idealismo. Esses jornalistas, essa imprensa, terminou para dar lugar á industrializada pelo progresso em que na actualidade vivem os povos.

Só conhecemos um jornal que existe exclusivamente cumprindo a exata missão que lhe incumbe ao serviço da Nação e sua grei—«Times» que, no alvorecer desde 1915 atingiu em número de edições cincuenta mil.

Dispõe de colaboradores notáveis

em todos os ramos da actividade humana: Literatura, Arte, Ciências e Finanças.

Todos os problemas são desenvolvidos, comentados, com supremo saber e autoridade. Jámais se entendeu a qualquer grupo político ou serviu interesses, financeiros preponderantes, agindo livremente.

No dia festivo recebeu significativas mensagens do Rei, Chefe do Governo, das entidades de elevada preponderância; a mais expressiva foi do povo, o que honra o magnífico órgão pela sua alta posição, não apenas na Imprensa Inglesa, sim, junto á do Universo.

Nos demais países a imprensa colosso vive do público e sendo ele a massa anónima, na maioria de variada instrução, a sua acção tende a entrar em todos os espiritos, tanto pela forma como pela ideia.

Exceptuando os colaboradores que são escrupulosamente escolhidos, os do quadro pertencem ao número daqueles que o articulista diz:

—«Eis a prosapia de muitos que assim se intitulam, se inculcam, e como tal se apresentam no mundo das letras».

Esta opinião, que respeitamos, não apoia aqueles jornalistas que trabalham por profissionalismo, os conhecemos pelo brilho da sua prosa, pela elegância de exposição, correcção no viver social.

Não ignora que desde o início da imprensa, só caminham, após outros que seguiram na vanguarda do jornalismo. A imprensa entrou em Portugal ano de 1466, trazida por estrangeiros, depois explorada por Judeus.

Pertence á cidade de Leiria a honra do aparecimento do primeiro prélo. O nosso jornalismo com forma, vida, popularidade, só começou em 1820 pelas constituintes e as lutas liberais.

O berço dos autênticos jornalistas foi sempre o Porto, tendo á frente o Gigante Rodrigues de Sampaio.

Hoje, também lá abundam empresários das letras de... Cambio.

É doloroso termos de registar que os nossos literatos e jornalistas pertencem a vários ofícios para vencerem a luta pela vida. Ser ou não ser—eis a questão que se resolve desde que nos convencemos:

Não é jornalista quem quer ou supõe pertencer lhe o título.

A superior cultura, mesmo os sábios, não satisfazem no «metier». É condição única nascer para jornalista de eleição e apóstolo na difusão do pensamento—a maior manifestação do espirito humano.

Castanhas... da Castanheira

O calor aperta

Nós bem não queremos, mas o nosso colega PIPAROTES, continua a «bombardear-nos». Agora diz que «elas» nos podem rebentar na bôca! Talvez, talvez, mas nós não usamos (é o termo) canhões de Aljubarrota... que são de Charger pour la bouche... e que podem atingir somente quem os dispara.

Ecos de Pedr (a) ... ógão

O lema foi este: Toma lá, dá cá. Cumprido á risca. Apesar de tudo os rapazes do C. A. T. depressa se acomodaram ao ambiente: Música de tocar á chegada, música de arrear lá pelo meio, e música de enxofrar quando do regresso. Vieram muito alegres, alguns alegres demais, talvez. E aquela gatinha toda se admirou da óptima disposição dos onze jogadores da Castanheira. Nem sequer se assustaram com as onze camas que estavam na sala do hospital, onde se equiparam! Mas não fazem mal! Soma e segue!

«São João Esta-se a acabar!»

Decorrem ainda, animados, os Festejos de Verão! Algumas notas do que êles foram nas duas primeiras noites.

RANCHOS — Exibiram-se muito... bem e muito... tempo, especialmente o das Gestosas. O povinho, depois de tanta cantilena já queria outra espécie de rancho... o das barracas, mórmente a lá do fundo, vinhamente falando. Quanto ao rancho dos pequenos, viram-se grandes coisas.

DISTRAÇÕES — Houve algumas, que só sucedem a quem anda muito atarefado. Uma, a do Senhor M., COITADINHO! Depois de umas horas de trabalho, para aqui, para acolá, foi jantar e comeu com bastante apetite e pressa pois tinha de ir ocupar-se de novo. Findo o repasto, levanta-se e, como andava um pouco constipado, dá um valentíssimo atchim; quando vai puchar do lenço, tirou do bolso... o guardanapo!?

JAZZ E GITANITA — A já tão famosa e batida cigana, parece que esqueceu a sua arte de advinha. Sómente a vimos lér a sina, uma vez. O restante tempo empregou em bailaricos características e exóticos, uma espécie de arrastadeira, muito á sua maneira, que bastante assustou e fez rir as meninas. Houve até um momento em que a cigana, por artes mágicas, ia fazendo engulir o clarinete ao do JAZZ. Se êles estavam com sono, pelo menos um ou dois. e a Gitanita o que queria era dan-sar!...

Esse & Esse

Sessão solene de homenagem a Neutel de Abreu

(Continuação do número 382)

Representação lida pelo Sr. Eng. Eugénio Paulo

Senhor Governador Geral da Colónia ds Moçambique.

Excelencia:

A população desta vila, sob o patrocínio da Liga dos Amigos de Nampula (em organização), há muitos anos deseja ver modificado o nome da capital da Província do Niassa.

Assim é que a Comissão Municipal, em sessão pública realizada no dia do aniversário municipal, em 7 de Fevereiro de 1939, na presença do maior número de residentes destr vila deliberou, sem resultado, pedir a modificação no nome por que é conhecida, que não corresponde de modo nenhum aos interesses morais da nossa soberania, nem significar respeito pelo passado glorioso da nossa ocupação.

O régulo Nampula, como é do conhecimento de Vossa Excelência foi um inimigo dos portugueses, traidor responsável pela perda de vidas de nossos compatriotas que regaram com sangue estas adustas plagas. E esta imagem do passado, Excelência, não pode deixar de ferir a sensibilidade patriótica dos residentes desta vila. O nome desta, longe de ser um índice do nosso carinho pelo indígena e, conseqüentemente de civilização, é apenas uma ofensa à memória daqueles que derramaram seu sangue generoso nas guerras de ocupação e seus heróis sobreviventes.

A esta localidade, deveria ser ligado, com inteira justiça, o nome de Neutel de Abreu que desde 1897 a 1912 realizou a gloriosa obra de ocupação e pacificação como bravo Militar e insigne Político fundando nesta localidade, em 7 de Fevereiro de 1907, na Capitania — Mór da Macuana, a mais afastada do litoral, o baluarte que verdadeiramente permitiu a ocupação de todo o distrito de Moçambique, e é o nome deste herói, da mesma tempera dos Grandes do nosso passado que os residentes nesta localidade ambicionam para esta.

Por outro lado, a simples categoria de vila, oficialmente estabelecida, também não corresponde á importância que de facto ela tem, como capital de uma Província com mais de 2.000.000 de habitantes e uma área de 278.000 quilómetros quadrados, onde se concentram todos os serviços de administração do Estado. E' lhe adequada, sem favor, a categoria de «Cidade», não só pela importância oficial que esta localidade desempenha, coma também pelo seu evidente desenvolvimento, e ainda como índice da nossa colinização no interior.

Por cujas razões, os residentes de Nampula, abaixo assinados, solicitam a Vossa Excelência se digne elevar esta vila á categoria de cidade, com o nome de «Neutel de Abreu.»

Excelência:

Os residentes desta localidade, reunidos em sessão solene, dedicada a Neutel de Abreu, no dia 1 de Dezembro de 1944, atentos á noção das responsabilidades que lhes cabem,

como portugueses, e tocados pelo sentimento de uma Pátria que ambicionam como Grande, nesta hora em que as convulsões do mundo ameaçam derruir os mais velhos esteios da nacionalidade dos povos, apelam para o seu esclarecido espirito, solicitando o seu alto patrocínio para a realização deste desejo que objectiva engrandecimento do nosso Portugal.

* * *

Seguiram-se vários telegramas dirigidos aos Ex.^{mos} Sr.^s: Governador Geral, General Bettencourt-Lisboa e Encarregado do Governo Geral-L. Marques «solicitando o seu alto patrocínio para a realização deste desejo que objectiva o engrandecimento do nosso Portugal». E finalmente outro telegrama a Major Neutel de Abreu —nosso grande amigo conforme nos referimos quando do seu aniversário.

Informações

A'cêrca das locais publicadas neste jornal de 10-3-45 e 14-45, informamos a Administração Geral dos C. T. T. o seguinte:

Com referência ao artigo publicado no número de 10-3-45, em que se pede para que a camioneta da carreira que transporta o correio entre Castanheira de Pêra e Pombal passe a partir meia hora mais tarde do que actualmente, afim de os usuários terem tempo de, no mesmo dia, poderem responder ás suas correspondências.

Segundo comunicação da Direcção Geral dos Serviços de Viação, entidade que superintende no assunto, a alteração proposta do horário da carreira Pombal-Castanheira de Pêra não é viável, porquanto apresentaria o inconveniente da mesma deixar de ligar, no Pontão, ás carreiras Tomar-Lousã, Tomar-Miranda do Corvo e Cabaços-Coimbra e, em Pombal, ás carreiras Pombal-Leiria (Estação) e Leiria-Coimbra.

Uma local de Pedrógão Grande em que se notam as deficiências resultantes do sistema de condução de malas que serve aquela vila.

Informa-nos, a-propósito, a Administração Geral dos C. T. T. que não pode remediar o actual estado de coisas nem considerar a sugestão apresentada pelo articulista porquanto as demoras agora notadas são principalmente devidas aos atrasos das chegadas dos comboios correios a Pombal, não autorizando a Direcção Geral dos Serviços de Viação a alteração do horário da Carreira de camionetas entre a vila referida e Castanheira de Pêra porque ela interferiria com o de outras carreiras que àquela dão ligação.

Deve acrescentar se, ainda, quanto ás comunicações com Figueiró dos Vinhos, que a demora na entrega das correspondências para ali destinadas é conseqüência de atrasos verificados na condução de malas, impossíveis de evitar com o actual meio de transporte.

Sem Cabeça...

Maneiras de entrar

Como sabem, e se o não sabem a culpa não é minha, há muita forma de entrar. O que nem toda a gente está ao alcance de saber é as maneiras que eu sei. São frutos que colhi na árvore que nenhum horticultor cultiva e vende, por muitos frutos que dê.

E' condição essencial para entrar o estar-se fora.

Uma vez isto coseguido, pede-se entrar com o pé direito. para se poder fazê-lo convenientemente compra-se um fio de prumo e um esquadro (desprezo propositadamente o nível de bolha de água, porque há muita gente que o usa) e põe-se o pé a jeito. E' infalível! Se não for, então aconselha-se o fio de espada e um esquadro.

Passei então com bosófia ás: Entradas de Leão. Estas são tas mais faceis de conseguir.

V. Ex.^{as} já repararam, conserveza, nuns portões de casa rica, género de 1909, com dois leões de louça nas ombreiras? Pois são estas as verdadeiras entradas de leão. Há também as das portas das salas de visitas dos africanistas, mas essas sem recheio.

Pôsto isto, vou apresentar a outra maneira curiosa de:

Entrar com pés de lã, que é a maneira mais prática de meter o pé! Esta é facilima: compra-se um carneiro e depena-se vivo; depois, manda-se assar com batatas fritas. Em seguida, apanha-se uma costipação, e calçam-se umas meias grossas de lã, feitas com os desperdícios do pobre do animal. Em cima disto tudo, uma garrafa de vinho bom, quer dizer: generoso. É infalível: entra-se para a cama com os pés de lã e tudo.

Como parênteses direi agora a V. Ex.^{as} o que é entrar de orelha murcha. É precisamente o contrario do que entrar com a dita dura.

E, se me deixarem exemplificarei as diversas formas de entrar num banco.

Muitíssimo simplesmente: compra-se uma pistola. Serve também roubada. Carrega-se com sete balas... e dá-se com a coranha no primeiro transeúnte que pedir desculpa de nos ter calcado. No dia seguinte está-se no Banco do réus do Tribunal dos Pequenos Delitos.

De outra forma, e com o mesmo instrumento, que agora pode ser emprestado: mete-se o cano na bôca e dá-se (ou puxa-se, como quisérem) ao gatilho. Pum!... E no dia seguinte, no melhor dos casos, Banco do Hospital com um doutor Cardia por nos ver; no pior, Banco da Morgue, com um olhar de morto... Já viram?...

Para entrar nos Bancos da Escola, ó controvérsia universal! é condição essencial não saber ler.

Aos Bancos da Cordoaria ou outro jardim público, é facil o acesso. Senta se a gente, e o mais difícil de tudo é o despegar.

Já para entrar nos Bancos da Praça é o diabo! Uns estão fechados; aos outros ninguém lhes chega.

Heitor Campos Monteiro

...nem Pés

A Feira Popular de Lisboa

(Retardado)

Com a assistência do Sr. General Amílcar Mota, chefe da Casa Militar do Sr. Presidente da República, membros do Governo, embaixadores dos Estados Unidos e da Inglaterra, inaugurou-se no dia 31 de Maio p. p., a Feira Popular de Lisboa, que o nosso prezado colega «O Século», realiza pela terceira vez com o mesmo objectivo—o de manter e ampliar a acção da sua Colónia Balnear Infantil.

Lisboa, vai ter durante alguns meses, um lugar de diversão, que constituirá o Grande divertimento dos que não podem ir procurar na frescura das praias ou na tranquillidade dos campos, um parêntese no dia a dia da vida cidadina.

A feliz iniciativa de «O Século», é digna de todos os elogios.

O destino benéfico do seu rendimento só lhe aumenta o interesse e a expectativa por parte do público.

O parque José Maria Eugénio, de Palhavã, Gentilmente e gratuitamente cedido pelo Sr. Eng. Vasco Maria Eugénio de Almeida, como nos anos anteriores, para a realização da Feira Popular, é, na verdade o sitio ideal para um grande certame.

A área da feira, é maior este ano. Há construções magestosas, imponentes, de relevo arquitectónico e precioso recheio artístico; centenas de «stands» elegantes, decorados com arte e bom gosto; uma quantidade enorme de restaurantes e explanadas e numerosas atrações dos mais variados géneros.

As maiores construções, de linhas modernas, vastas, imponentes sugestivas, ficam na grande Praça das Nações, centro principal da Feira.

Ali, ficam os magestosos pavilhões dos organismos dependentes

do Ministério da Economia, Instituto Português de Conservas de Peixe, Instituto do Vinho do Porto, Junta Nacional do Vinho, Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Junta das Frutas e Junta das Cortiças, Junta Central das Casas dos Pescadores e dos Organismos de Assistência Social e da Agência Geral das Colónias, que constituem a representação oficial portuguesa; o pavilhão de «O Século» grande e bonito e o sumptuoso pavilhão da America do Norte e Gran-Bretanha, com o seu vasto Cinema Vitória e salas de exposição.

Nunca a Feira Popular de Lisboa, teve tantas e tão belas e sugestivas atrações, em edificios e barracas de todos os géneros.

Na «Nau Catrineta», construída dentro do lago, funciona um «dancing», cujo rendimento se destina aos «Rapazes da Cidade», a linda obra de assistência criada pelo Sr. Comandante Nuno de Brion, ilustre Governador Civil.

Este ano, a Feira Popular, está mais bela e sugestiva.

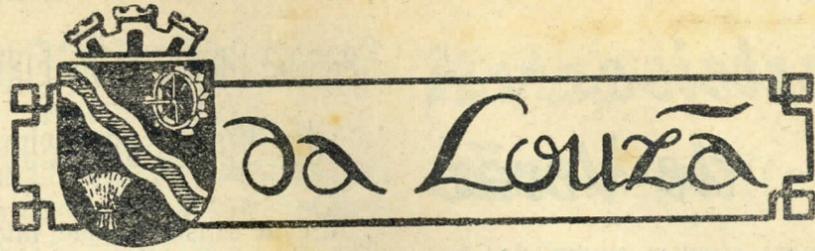
Depois da visita das entidades oficiais, o Sr. João Pereira da Rosa, ilustre director de «O Século», ofereceu aos seus convidados no restaurante «Arcadia», um Porto de honra.

Presidiu o representante do Chefe do Estado, ladeado pelos embaixadores dos Estados Unidos e da Inglaterra.

O Sr. João Pereira da Rosa, em breves palavras agradeceu a presença das entidades oficiais e saudou o venerando Chefe do Estado.

Em nome de «O Castanhense», agradecemos ao director de «O Século», Sr. Pereira da Rosa, o gentil convite enviado, para assistirmos a tão solene inauguração.

C. Rocha



A feira de S. João

A' hora em que o bico da minha caneta vai deslizando por cima deste alvo papel, deligenciando dar a «O Castanhense» o habitual noticiário da semana, vai decorrendo com pouca animação—diga-se de passagem— a tradicional feira anual de S. João.

E como o dia da abertura da feira caiu ao domingo—um dia cheio de Sol, irradou sem esforço, o seu brilho através da ténue nebelina da manhã—vê-se a praça Candido dos Reis farta de géneros expostos á venda: frutas em abundancia, batatas, hortaliças cebolas, queijo, peixe, etc.

Por aqui e por ali, barracas com a seu apetrechado recheio de finas fazendas de lã e de algodão, quinquilharias, de calçado, de ourives, etc., pasmando, o todo com as barracas de diversões várias, um conjunto de vistosa e rara beleza,

Mais além, castado pela estrada que vai para os lados de Arganil, no Regueiro, amplo campo arborizado: gado bovino com abundancia, caprino, lanigero e suíno, fazendo-se, ao que nos informam, regulares transacções.

E' esta a feira anual, chamada de S. João da Louzã, dos tempos em que o comércio e a industria locais não haviam atingido o incremento de hoje e que, pela sua tradicional forma tantos e tantos forasteiros das terras dos concelhos limitrofes atraía

Deus super omnia

Conquanto as últimas trovoadas causassem enormes prejuizos em muitos pontos do País, tendo, até, fulminado pessoas e gados, nesta região, felismente não houve nada disso.

Andavamos aflitos com a falta de água, mas agora temos tudo regado; e, ao irmos de manhã á horta, até os olhos se nos riem ao vermos as plantazinhas levantar as suas viçosas has-

tes para o Céu, como uns amores, cheios de prometedores frutos!

Não obstante, preciso é que caia mais e mais água, aliás... Mas Deus super omnia.

António Maria Saraiva

Tivemos o prazer de, na sua escola do Freixo, cumprimentar o Sr. professor Saraiva, ausente dela, por doença há 4 meses, de cuja doença felismente, se encontra, agora, completamente livre e optimamente bem disposto, para continuar no exercício das suas árduas, mas prestimosas funções sociais.

Falecimentos

Faleceu nesta vila, onde vinha procurar alivios aos seus sofrimentos, a Sr.^a Conceição de Jesus, do Coentral da Cruz, esposa do nosso amigo Manuel Miguel, ausente na América.

Faleceu em casa de seu cunhado nosso presado amigo Manuel Simões Claro, proprietário da fábrica de Chapéus Sofina, nesta vila, seguindo depois, em carro funebre, para o Coentral Grande, sua freguesia, em cujo cemitério ficou sepultada.

A extinta que vinha sofrendo duma pertinaz doença, havia estado, há tempo, numa casa de Saúde em Coimbra, mas todos os recursos da medecina e os desvelos da família não puderam debelar a sua doença, que era de morte!

A toda a família enlutada e, em especial, a Manuel Miguel—a cuja união com a Conceição, há 6 anos e 5 meses, tivemos o prazer de assistir —apresentamos os nossos sentidos pésames

—Também, nesta vila, faleceu a Sr.^a Eugénia de Jesus Coelho, mãe dos Sr.^s Carlos Alves Coelho e João Alves Coelho.

As nossas condolências.

Os cinco contos restantes são cativantes e enternecedores, especialmente o primeiro e o último, intitulados «Juro dizer a verdade» e «Herói desconhecido».

Maria de Figueiredo está occupando um lugar de proeminência nas letras portuguezas e muito já lhe devemos as raparigas e rapazes da nossa terra.

Gratos pelas palavras da sua dedicatória.

Tomamos a liberdade de pedir um outro exemplar deste livro, pois, por lapso, foi-nos enviado um só.

MARCUS.

Nesta secção far-se-á a critica literária de todos os livros de que nos sejam enviados dois exemplares.

Penus para bicicleta

Vende

José Coelho Junior

Oficina Mecânica

DE MÁRMORES E C

Casa fundada em 1 de Janeiro

— DE — Aparicio C

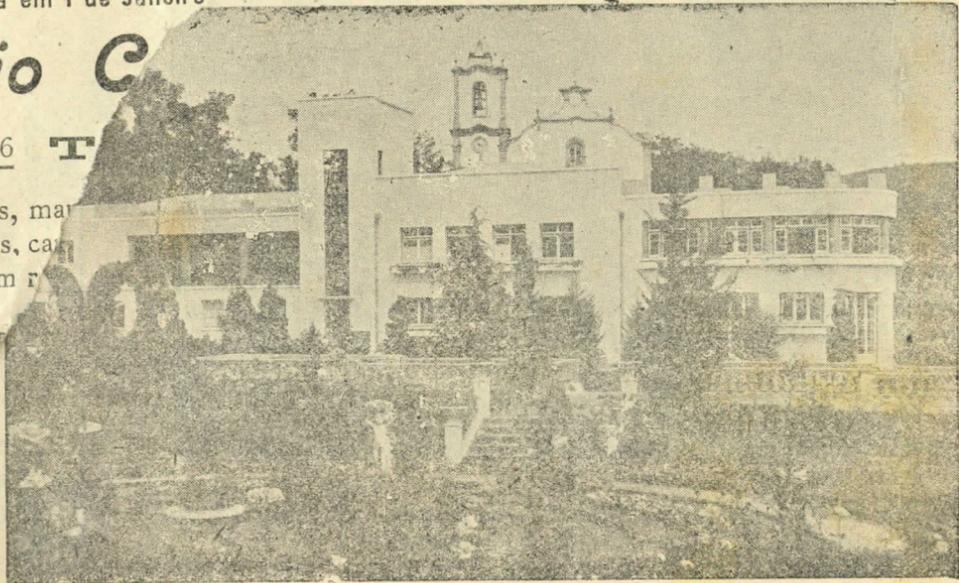
Rua Voluntários da República, 56

Encarrega-se de jazigos, campas, marfrentes para estabelecimentos, que digam

Enviam-se desenhos

Agente e

José



Rancho Folclórico

do Sport Lisboa e Castanheira de Pêra

Foi recentemente organizado um Rancho Folclórico no clube local Sport Lisboa e Castanheira de Pêra, que na noite de S. João fez a sua primeira exibição. O seu ensaiador tem sido o empregado das nossas oficinas sr. Gilberto Lopes de Aguiar e tesoureiro da mesma colectividade.

A exibição que fizeram na noite de S. João, no recinto das festas de Verão, nesta vila, agradou plenamente, tendo sido muito aplaudidos. No dia de S. João, percorreram a vila, apresentando aos sócios do Clube os seus cumprimentos e ao mesmo tempo recebendo donativos com o fim de auxiliar o Clube. Foram satisfatórias as ofertas e abaixo damos nota das importâncias recebidas.

Consta-nos agora, que estão em estudo os novos programas e bom será que todos se interessem pelo Rancho que muito anima a terra e engrandece o Clube.

Da nossa parte pedimos aos componentes que se esforcem para apresentar mais e melhor e que num futuro próximo possa-mos ver fora de portas de Castanheira, o Rancho brilhar.

* * *

Dr. José Fernandes de Carvalho	150\$00
Roberto Fernandes de Carvalho	100\$00
Manuel Alves Ceppas	50\$00
José Ermida	50\$00
Dr. Ernesto Marreca David	50\$00
Diversos (importâncias inferiores a 10\$00)	50\$00
Alberto da Encarnação Coelho	20\$00
Armindo Fernandes	30\$00
Adeino Luiz Caetano	20\$00
D. Delfina Gama Henriques	20\$00
Antero Pereira Henriques	20\$00
D. Deolinda Alves Bebião	40\$00
Sertório Santos Fonseca	20\$00
D. Sofia Barreto Rosa	20\$00
Filipe Rodrigues da Conceição	20\$00
Tibério Rodrigues Fernandes	10\$00
D. Aurora Henriques Correia	10\$00
Américo Simões Correia	12\$00
Total	707\$00

DESPEZA:

Refrigerantes	82\$00
Sandwyschs	75\$00
Grupo Musical	200\$00
Saldo líquido para o S. L. C.	350\$00

A parte as importâncias recebidas há a salientar a maneira afável e cativante como o Rancho foi recebido em casa dos srs. Dr. José Fernandes de Carvalho, Pres. da Assembléa Geral do S. L. C. P., Manuel Alves Ceppas, Presidente da Câmara; José Ermida; Eduardo Silva e Amadeu Cavacas, que ofereceram bolos e vinho a todos os componentes e foram recebidos à entrada das residências por pessoas de família e êles próprios. O sr. Eduardo Silva, Presidente do C. A. T. tirou várias fotografias.

Dr. Manuel Henriques
Nunes Barata

Em Lisboa, na Universidade Técnica, formou-se em Ciências Económicas e Financeiras o nosso conterrâneo sr. Manuel Henriques Nunes Barata, natural do Coentral Pequeno, filho do Sr. Francisco Nunes Barata, residente em Cabinda (Angola).

Ao novo Doutor desejamos uma carreira brilhante e aproveitamos o ensejo para o felicitar pelo acto.

Palavras de sempre e de hoje

«Todo o homem que combate deve ter sempre presente ao espírito, para se não extraviar nem diminuir, que só vence bem quem vence com honra, quer dizer, *com verdade e com justiça.*»

SALAZAR



«Só fomos grandes quando a Cruz e a Espada andaram entrelaçadas; voltaremos a sê-lo, creio bem, com o auxílio das nossas missões católicas».

(Comandante João Belo)



As antigas Dioceses da África portuguesa sofrem grande escassês de apóstolos; e vastas circunscrições missionárias estão confiadas a poucos operários evangélicos.

Rogai, pois, ao Senhor da Messel! E, primeiramente pedi ao Senhor que se digne suscitar muitas vocações missionárias, tanto em Portugal como entre os indígenas dos Domínios; e não só vocações de Sacerdotes, mas de Irmãos Auxiliares, de Religiosas e de Catequistas.

S. S. Pio XII

Praia da Nazaré

João Estrelinha Grilo (João Grilo), Banheiro, oferece a V. Ex.^{as} os seus serviços nesta praia.

Notas

Bibliográficas

Obras Selectas

por Nicolau Tolentino — Edição de Domingos Barreira—Rua da Fábrica, 11—Porto

Augusto C. Pires de Lima, sábio orientador da *Coleção Portugal*. Traz até nós o imortal poeta Nicolau Tolentino, apresentando-o numa obra completa sob todos os pontos de vista. Do poeta pouco há a dizer, pois o seu nome está feito e não é a crítica de agora que o eleva ou deprime.

Todos o conhecemos falando a sério ou a rir, umas vezes com um riso aberto e franco e outras com um riso da troça que só ele sabia ter.

Falemos, pois, de Reis de Lima. O seu prefácio, notas e glossário auxiliam o leitor no conhecimento mais íntimo do poeta e da sua obra. Exprime-se com clareza e correcção, como aliaz, é seu costume.

Mais uma vez recomendamos esta colecção.



Juro dizer a verdade

por Maria de Figueiredo — Edição da Parceria A. M. Pereira — Rua Augusta, 44 a 54—Lisboa.

Maria de Figueiredo quiz fazer chegar até nós mais um dos seus interessantes livros, desta vez um livro de contos, não propriamente «contos da carochinha», pois não é da «carochinha» o quarto conto «Um ideal de artista». Se bem que encerre um conceito psicológico «sui generis», achamos que destoa de todos os outros e que, por esse motivo, não devia acompanhá-los. Uma série de Novelas nesse género formaria um livro curioso, digno mesmo da maior atenção. Isto é o que nos parece.

Os cinco contos restantes são cativantes e enternecedores, especialmente o primeiro e o último, intitulados «Juro dizer a verdade» e «Herói desconhecido».

Maria de Figueiredo está ocupando um lugar de proeminência nas letras portuguesas e muito já lhe devemos as raparigas e rapazes da nossa terra.

Gratos pelas palavras da sua dedicatória.

Tomamos a liberdade de pedir um outro exemplar deste livro, pois, por lapso, foi-nos enviado um só.

MARCUS.

Nesta secção far-se-á a crítica literária de todos os livros de que nos sejam enviados dois exemplares.

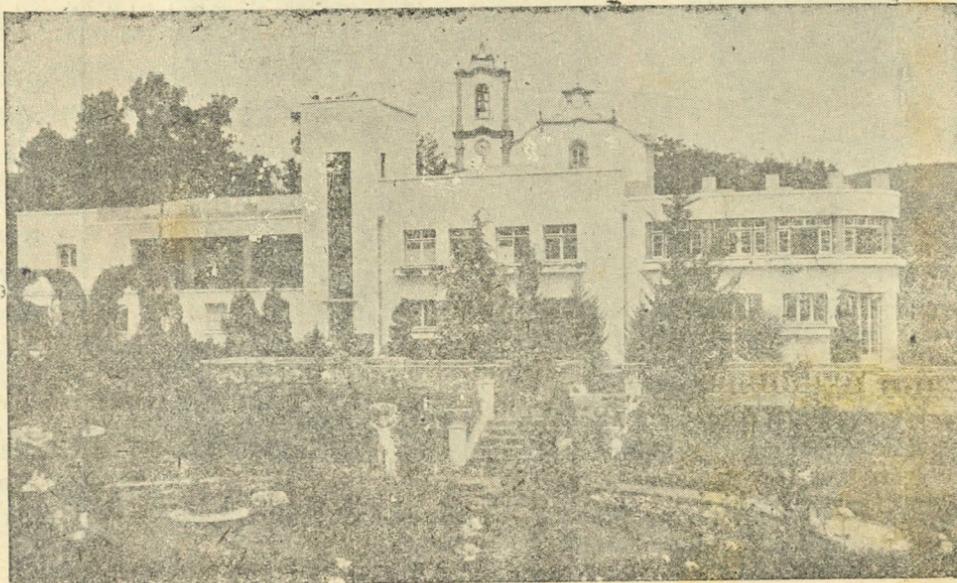
Penus para bicicleta

Vende

José Coelho Junior



Interessante aspecto do Parque da Casa da Criança Rainha D. Leonor, vendo-se ao fundo a Igreja Matriz.



Grupos onomásticos

Em momento de boa disposição, a julgar pela ironia, escreveu o Sr. Rodrigues Laranheira um artigo sobre os grupos onomásticos.

Porque reputo infeliz tal artigo, porque me compete, como fundador de «OS MÁRIOS», defender a minha ideia e obra, vou procurar demonstrar como o articulista encarou mal o assunto.

Sei que êle tem sido um paladino da causa da instrução, combatendo sem descanso contra o analfabetismo; sei, também, que á sua idade devo respeito, mas não posso deixar de censurar o seu sarcasmo para com a obra alheia, merecedora de tanto carinho como a sua própria.

Da luta travada pelo articulista algo de útil deverá ter resultado: a formação, pelo menos de umas tantas sociedades de educação liberal, de combate ao analfabetismo. Porventura escrevia então o Sr. Laranheira, quando um novo centro se formava: «Arrastados pela cegueira da imitação, acaba de se fundar mais o grupo X, que se propõe abrir escolas para o ensino da instrução primária.» Não! o Sr. Laranheira não o dizia, estou certo disso. Teria dito, sim, com enorme e justificada satisfação: «Numa compreensão nítida pelo interesse que merece a causa da instrução, acaba de se formar mais um grupo, que se propõe abrir escolas para o povo. A continuar êste louvável movimento de solidariedade em prol da instrução poderemos que em breve se torne um facto a extinção do analfabetismo em Portugal.»

Ê dêste modo que eu julgo o caracter íntegro do homem que sei chamar-se Rodrigues Laranheira. Porque, então, aplicar êste termo tão desagradável da «imitação» aos grupos onomásticos? Certamente não está bem informado sobre os fins a que os mesmos se propõem; se o estivesse, não dúvida que colocaria a sua pena ao serviço dos mesmos, do modo inteligente e convincente que usou pela causa de instrução.

Os grupos onomásticos não podem considerar-se uma novidade nem uma moda. Se estudarmos a História Antiga vamos encontrar as suas raízes entre êsse admirável povo que marcou por uma das mais perfeitas civilizações: os gregos. Diz-nos Wescher da existência na Grécia de organizações filantrópicas, cada uma das quais possuía uma caixa comunal, constituída por donativos e por contribuições obrigatórias dos associados. Todo aquele que se recusasse a pagar era excluído, salvo por motivos de pobreza ou doença. Os societários celebravam em comum determinadas festas e banquetes, ao mesmo tempo que se auxiliavam nas suas necessidades. Assim, o societário quando em marê de adversidade, era auxiliado pelos seus consócios, embora se obrigasse á ritribuição logo que a sua situação melhorasse.

Estas organizações tomavam o nome de vários Deuses, do mesmo modo que entre nós tomam o nome próprio dos individuos que as constituem.

Não será isto mesmo que se pretende com os grupos onomásticos? Julgo que sim, embora o meio e a época exigisse uma adaptação mais própria, que cada um tenta aperfeiçoar conforme os seus recursos e as

suas ideias, nela se incluindo a cultura.

O que o Sr. Rodrigues Laranheira classifica de «cegueira de imitação,» eu entendo como solidariedade. Houve um grupo que mostrou o que os homens do mesmo nome poderiam fazer entre si, se quizessem, e logo outros, tornando-se solidários com os primeiros, ampliaram a organização ramificando-a. Não há, portanto, imitação, no sentido pejorativo da palavra, mas sómente cooperação entre vários individuos de nomes diferentes.

Quanto ao valor social dêstes grupos bastará pensarmos dois segundos e logo veremos que, uma vez organizados e federados, constituirão uma força de grande valor, pelo auxílio mutuo que podem prestar entre si, se conseguirmos afastar de nós o egoísmo para nos vermos unicamente como irmãos.

Como fundador de «OS MÁRIOS» tenho um programa que levei até onde for possível e como eu todos os outros grupos têm o seu, mais ou menos vasto, conforme o dinamismo de quem os orienta.

E, para terminar, já que o articulista falou nas Marias, permita-se-me uma observação: Em Portugal podem computar-se as Marias em UM MILHAO. Admitamos que todas se associavam ao seu grupo onomástico, pagando UM ESCUDO mensal. Alguém pensou já na obra de beneficência, de cultura e de recreio que se poderia fazer com MIL CONTOS mensais?

Não desanimem, pois, os que meteram ombros á tarefa dos grupos onomásticos, porque a seu tempo êles darão fruto e do melhor. Pugnem, sim, na imprensa em geral, pela agremiação dos individuos e nunca pela sua dispersão, sabido como é que se torna mais facil destruir do que constituir.

Mário de Freitas e Silva
Fundador e Presidente
de «OS MÁRIOS»

Posição

(Ao José Carlos Laranjinha)

Já me não interessa
A forma das núvens
Nem o abrir das rosas...
O que me interessa
É que os poetas,
Que cantam as núvens e as rosas,
Saibam,
Cheguem a saber,
Que há regiões pantanosas,
Onde ninguém vê as núvens
Nem sabe que existem rosas!

DAVID MOURÃO FERREIRA

CASA DOS LINHOS

TEIXEIRA DE ABRU & C.ª, L.ª
32, 33, 34—Largo 28 de Maio
35, 36, 37—GUIMARÃIS

Fabrico especial de panos de linho, atalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com esplêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessíveis. Máxima seriedade

Rua dos Correeiros, 264, 2.º dt.º e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

Á MARGEM DA GUERRA



Na última fase da guerra da Alemanha, um aspecto da rendição da Wehrmacht.

Comissão Reguladora do Comércio Local

Entra hoje em vigor a nova modalidade de racionamento imposta pela Intendencia Geral dos Abastecimentos em todo o país.

Não podemos deixar de dircordar dela, pelos inconvenientes e incómodos que vem trazer, não sómente aos consumidores, como também e muito especialmente aos retalhistas.

Estes fizeram uma exposição sobre o assuto, dando a conhecer á I. G. A. que o sistema que até aqui era seguido neste concelho poderia ser considerado modelar.

Entretanto, a I. G. A., dentro do critério de que o sistema de racionamento deve ser uniforme em todo a país, não atendeu áquilo que os retalhistas expuseram.

O futuro dará a conhecer as vantagens ou inconvenientes daquilo que agora se começa, entretanto nunca será demais afirmar que o sistema de racionamento que existia neste concelho e que já estava no hábito da população era simples e pratico e de tal maneira estava organizado que satisfazia plenamente os mesmos fins que agora se pretende atingir com o novo processo.

Chega ao nosso conhecimento que a Intendencia Geral dos Abastecimentos, por intermédio do seu Delegado em Leiria, cientificou a Comissão Reguladora do Comércio Local, em resposta ao seu pedido de substituição por um Delegado daquele organismo, que não havia razão para tal substituição, porquanto a maneira de trabalhar da Comissão Reguladora do Comercio Local satisfazia plenamente a I. G. A. e, por isso, lhe era reitirada a respectiva confiança, na certeza de que o seu Presidente e restantes colaboradores continuariam a dispensar aos assuntos da C. R. o melhor do seu esforço que, como até aqui, a I. G. A. saberá reconhecer.

Folgamos com esta deliberação por se verificar que é superiormente reconhecido, como é de inteira justiça, aquilo que a Comissão Reguladora do Comércio Local tem vindo praticando em benefício dos consumidores do concelho, tendo tido sempre o maior cuidado em procurar abastecer o concelho de tudo quanto lhe tem sido possível, disso estamos convencidos.

Cobrança

Dados os grandes encargos que temos, vimos respeitosamente apelar para todos os nossos estimados assinantes e muito especialmente aos residentes no estrangeiro e nossas colónias, o favor de liquidarem as suas assinaturas em atrazo.

Vende-se

Casa de habitação, nesta vila, com jardim e quintal, em bom local. Dão-se informações nesta redacção ou no sr. Joaquim Tomaz Pinaz — Sapateira.

ALBERTO *Lopes*

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão. cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Fano riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc., etc.

Quando terminar a guerra, não esqueça!

L. FARGE, LIMITADA

estará novamente em condições de fornecer-lhe o algo dão indiano que a sua indústria de lanifícios necessite E AGORA, continua à frente da concorrência na venda de **TRAPÓS** de tôdas as qualidades e **DESPERDICIOS DE ALGODÃO**, para todos os fins

Consulte sempre a casa que tôda a indústria de lanifícios conhece
L. Farge, Limitada R. do Freixo, 1291—PORTO
 Telef. Urbano 4494 e Estado 197 Telegramas: Egraf

Agentes | Castanheira de Pêra — José Coelho Júnior
 Covilhã — António Pereira Pais Espiga

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Fábrica de Acessórios para Fiação e Tecelagem
 A maior organização no género no país

Liços metálicos em aço, Grampos de aço temperado, Caxilhos (Perchadas), Malhões e Tirantes, Molas espirais, PENTES, Latas de fibra Vulcanizada para Fiação, Cartões de aço para teares, Romanas, Bobines em madeira, Canelas, Lançadeiras de todos os tipos, Pinos de Madeira, Tempereiros, Pinças, Te-souras de tecelão, Ganchos para coser correias, etc., etc.

PREÇOS CONVIVATIVOS

Esta casa tem sempre para entrega emediata todos os artigos do seu fabrico.

Em Castanheira de Pera queiram dar as vossas encomendas ao nosso Agente: JOSÉ COELHO JUNIOR—Telefone 16, o qual tem em depósito os nossos artigos.

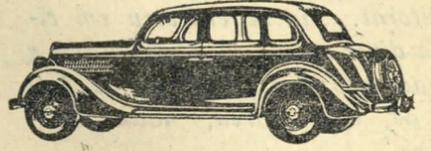
Fábrica e Escritório: R. Duque de Saldanha, 150

TELEFONES P. B. X.) Fábrica 1668
) Escritório 1313

Endereço Telegráfico: DORATO

PORTO

Automobilistas!...



Produzir e Poupar

Entregando os vossos pneus à

é ter	<i>Vencedora</i>	
certeza		é
de	<i>Castrense</i>	poupar
produzir		dinheiro
maior número de		pela sua maior
quilómetros		duração

Fábrica de Recauchutagem
 Avenida 28 de Maio, 97 • VISEU

Carreira Diária de Passageiros

BOLO—LISBOA

Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa
 Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.^{da}
 Sêde—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pêra	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pêra	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa Auto-Lys R. da Palma-Tel. 21363

Piparotes

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS: Quadrimestre 7\$20 Cobrança pelo correio mais 1\$00	PUBLICA-SE NOS DIAS 1, 10 e 20 DE CADA MÊS	ASSINATURAS Estrangeiro: ano 41\$10 Império Português: ano 33\$60
---	--	--



Partidas e Chegadas

Nesta vila estiveram com curta demora os srs. Cursino Henriques Coutinho, estudante em Lisboa; Mário de Almeida Teixeira, comerciante na capital e António Fragoso da Rocha, industrial em Seia.

—Da Figueira da Foz regressou o nosso amigo sr. António Lopes dos Santos.

—De Lisboa regressaram: o sr. Eduardo Domingues, industrial, do Troviscal; Manuel Tomaz Henriques, industrial; José Francisco Diniz e Armando Tomaz; José Correia de Carvalho e Aurélio Lopes Antunes, industriais de lanifícios.

—Para o Luso seguiu o nosso amigo sr. Manuel Lopes Henriques e sua esposa.

—Para Lisboa seguiu o sr. Abílio Francisco Santos, depois de estar alguns dias no Troviscal:

João Henriques Soares

Na nossa redacção esteve a apresentar cumprimentos o sr. João Henriques Soares, de Mira de Aire, filho do nosso amigo sr. Manuel Fernando Soares, professor naquela vila.

Despedida

Francisco de Barros, de Castanheira de Pêra, embarcando no próximo sábado para Quipeio (Angola) onde vai fixar residência e estabelecer-se, viu-se na impossibilidade de pessoalmente se despedir de todos os seus amigos desta vila e doutras localidades e assim, vem por intermédio de «O Castanheirense» apresentar os seus cumprimentos de despedida e oferecer ao mesmo tempo os seus limitados préstimos naquelas paragens africanas.

Dr. Eduardo da Silva Correia

Defendeu, brilhantemente tese, há poucos dias, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, o Sr. Dr. Eduardo da Silva Correia, que no final do acto, foi cumprimentado por todos os professores daquela faculdade, mormente os Sr.^s Dr.^s Beleza dos Santos, Paulo Morea e Pires de Lima, seus arguentes, os quais lhe manifestaram a sua satisfação pelo seu brilhante trabalho de doutoramento.

E' sempre motivo de orgulho ver exaltado o valor de conterrâneos nossos.

O Castanheirense felicita o Sr. Dr. Eduardo da Silva Correia e augura prosperidades ao novo professor da Universidade de Coimbra.

Almeida Garrett

na prosa de Nuno Beja

(Especial para O CASTANHEIRENSE)

Almeida Garrett: o nome de um homem de talento que parece ter caído no esquecimento.

De uns, tanto se fala... de outros... O Mundo, foi, é, e será sempre assim. Os habitantes da Terra não podem endireitar aquilo que nasceu torto.

Um poeta, um escritor, tem para mim, o mesmo talento que um genial Pintor.

O primeiro, sabe, com a sua magia, o seu encanto, de escrever poeticamente aquilo que outros não veem, mas, que na realidade existe. Procura, sozinho, os pontos de inspiração. Tudo o cativa, tudo para êle tem uma elegância, uma subtilidade transcendente: As igrejinhas, que parecem bordadas de de pedra viva, com os seus recantos, que, para onde quer que nos voltemos, fazem lembrar quadros de fotografia artística ou um painel de Malhã, e com os seus monumentos, que aparecem miraculosamente a cada passo.

Almeida Garrett, juntava a toda essa paisagem as personagens; as ideias e levávas-as para o palco, apresentando-as sob o prisma histórico.

É uma coisa curiosa como Garrett escolheu de preferência o campo histórico para exploração dos seus trabalhos dramáticos, e, como neste ponto tem sido seguido por todos ou quasi todos os que tem vindo opós êle. Almeida Garrett procurou por todas as maneiras retirar-nos dessa decadência, «mas o cadaver ficou apenas meio galvanizado». No entanto ninguém compreendeu como êle, o que era

ia-lhe dando um desmaio e até o cigarro lhe tombou das mãos... e afinal... sempre saiu o pum... sem, acertar em nenhum boneco. Ainda bem... para saúde e glória dos fininhos... cá do burgo.

O senhor «micró» ouviu dizer que a música que uns homensinhos de gola vermelha tocavam, era mesmo música de Jazz... igo... O illustre povo bailador não gosta daquilo. Quer viver, quer alegria, quer as notas musicais, numa desharmonia estonteante... saltem e berrem... façam barulho... electrizem... façam tremeliques aos pares dançantes... Vamos rapazes, ganhem dez reis de vida!...

REDACTOR V.

necessário fazer para o renascimento dramático.

E para terminar, devo felicitar o Sr. Nuno Beja, pela maneira tão gentil como falou de Almeida Garrett.

Todavia devemos dizer: Almeida Garrett ocupou-se de tudo, tanto da parte espiritual como da parte material, mas, os obstáculos que encontrou, se não desanimaram em vida, vieram mais tarde embaçar a sua obra de gigante!

Luis Bonifácio

Pedido

aos NOSSOS assinantes

Conforme já anunciámos, estamos enviando para a cobrança os recibos referentes ao 1.º e 2.º quadrimestre do corrente ano.

Antecipadamente pedimos e agradecemos aos nossos prezados amigos e assinantes o especial favor de evitarem a sua devolução, visto que a mesma acarreta para nós grandes despesas, bem assim, grande diferença aos nossos serviços.

Como sempre, esperamos o bom acolhimento dêste nosso pedido.

A Redacção.



Colónia Balnear Infantil

Até agora, fôram os seguintes, os donativos recebidos na Secretaria do C. A. T.:

Transporte...	1.650\$00
Barros & Irmão Ld. ^a	1.000\$00
Fernandes, Antunes & C. ^a	300\$00
Moreira & C. ^a	300\$00
António Francisco da Silva	40\$00
	3.290\$00

A direcção do CAT, em nome das criancinhas beneficiadas, agradece penhoradamente as ofertas já recebidas, e quaisquer outras que, porventura, ainda vier a receber para o mesmo fim.

1 O Sr. «micró»... também foi à festa... e atravez dêle um senhor qualquer, muito «fininho» mas não do litoral... lá se entreteu em cima a dizer coisas cá para baixo e mandar-nos umas músicas que, talvez de boa marca, nada marcavam...

2 A propósito de litoral, diz o senhor «micró» que conseguiu captar uma conversa qualquer em que um senhor ex-fininho do dito... inciclopédiomaniaco (custou...) dizia promover isto, mais aquilo e mais aqueloutro... mas... foi-se... e ao fim de tudo, nem sequer apareceu o martelo...

3 O senhor «micró», desde que lhe deram a autorização para ir às festas, vá de andar por aqui e por ali e parece que fez boa colheita de assunto para próximas retransmissões... Mas está com certo receio de que levem a mal que ela reproduza, sem maldade, qualquer coisa que foi passada ou dita... confidencialmente... daquelas confidencias que, aliaz, todos sabem que são para toda a gente saber.

4 Na barraca das «argolinhas» era um primor, mas foi como exploração porque a habilidade dos concorrentes, alguns, não atinava com o gargalo da garrafa por... estarem longe. Dobra vazada, encolhe espaço e agora é que vai saltar uma argolinha, baratinha, em cima de uma garrafinha de valor 20 vezes superior... Mas hó!, desilusão... a mão tremeu, tremeu... e não acertou.

5 Parece que os festeiros vão munir cada garrafa com um imã no gargale e as argolas de madeira passam a ser de metal. Dessa maneira, prometem que todos acertam.

6 As festas, dizem e o senhor do «micró» registou, não foram má-sitas... mas as receitas, é que foram péssimas, segundo aquele indiscreto ouviu também. Mas porquê, senhores, se estava tanta gente?... Sim estava, estava, mas é que pagantes, não estava ninguém... Houve menino que viu tudo, não pagou nada, e ainda foi para casa dizer que tinha sido caro... que era tudo muito caro...

7 Na barraca do Pim-Pam-Pum, é que ia sendo o bom e o bonito. Por causa do... pim... pim... houve um que queria fazer pum... pum... pum. um «fininho» apesar de nome heroico, fez-se branco, outro,